

Ofensas a Marega em Guimarães elevaram a consciência em Portugal sobre o racismo

# RACISMO

POR PEDRO CADIMHA

**P**ROBLEMA estrutural da sociedade transposto para o futebol. O racismo é um fenómeno presente por todo o mundo, manchando a imagem que se preza de igualdade e harmonia num estádio como numa escola. O desporto, sendo bandeira da afirmação de mitos desfavorecidos, não deixa de ser polido por casos de ódio racial ou comentário hostil e depreciativo de acordo com cor da pele, etnia, género, orientação sexual ou diversidade funcional. O caso Marega, ocorrido em Guimarães, em fevereiro de 2020, foi um chamariz de atenção para a realidade em Portugal. À Associação *Plano 1*, com forte labor e esforços concentrados em diferentes vertentes da igualdade e da Cidadania, decidiu procurar afeirir o impacto da problemática, lançando um inédito Estudo Nacional sobre Racismo no Futebol em Portugal — *Percepções e Vivências* —, elencando a ação num projeto financiado pelo *Black Lives Matter no Futebol*, composto por um site próprio, inquérito para estudo sobre comportamentos racistas e plataforma de denúncia. Uma iniciativa de combate e vigilância progressiva sobre o fenómeno, procurando reeducar e absorver bons exemplos. Fernando Santos, Rui Patrício, William Carvalho, Renato Sanches, Cédric, José Fonte, Nelson Semedo e Bruno Fernandes, elementos da Seleção Nacional, Francisco Neto, Diana Silva, Jessica Silva, Tatiana Pinto, Ana Borges, Cláudia Neto e Kika Nazareth, treinador e jogadoras da seleção feminina, bem como João Vieira Pinto, Hélder Postigo e Pauleta, do selo da FPF, Jorge Braz e Ricardinho, treinador e jogador de futsal, Madjer, do futebol de praia, os árbitros (as) Artur Soares Dias e Teresa Oliveira, gravaram o seu nome na iniciativa, associando o rosto a uma luta — *Racism Out* — que é de todos por um mundo mais igualitário. A Fundação Benfica acompanha a iniciativa através do futsal: Janice e Ana Catarina, bem como Robinson e Afonso Jesus.



## está dentro do futebol

Inédito estudo auscultou diversos agentes do futebol. Entre os inquiridos, 60 por cento reconheceu práticas discriminatórias. FPF associa Fernando Santos e jogadores/as ao projeto



marcado pela celebração da diferença da integração de todos em qualquer espaço, em qualquer clube, em qualquer realidade. Por iniciativa da Federação, os jogadores entrarão em vários campos do Campeonato de Portugal, fazendo esse simbólico gesto de respeito e protesto por qualquer tipo de violência racial. Um joelho apoiado no relvado, inspirado no grito de ordem norte-americano, pela indignação com o bárbaro assassínio por um polícia de George Floyd.

**MULHERES FIRMES NA CONDENAÇÃO**  
Finalizado esta semana, o estudo feito pela *Plano 1*, que perscrutou atores principais e secundários do jogo, conclui que o racismo está realmente presente no futebol português. Entre os participantes estão atletas, treinadores, dirigentes, árbitros, adeptos e jornalistas, de diferentes idades, entre os quais 1221 homens, 456 mulheres e quatro que se autoidentificaram como outro. As mulheres foram particularmente expressivas na condenação do problema, 73,2 por cento vincaram a existência de racismo no futebol, ao passo que os homens se dividiram em 50-50. O reflexo da junção das opiniões permite plasmar nos resulta-

dos 60 por cento de percepção que há, efetivamente, discriminação racial, sendo essa a conclusão primária. A visão das mulheres aponta para um mais pronunciado comportamento discriminatório motivado por questões de género, ao passo que os homens se inclinam de forma acentuada para a cor da pele. Já jovens, com idade inferior a 18 anos, reconhecem a cor da pele como maior fator de ofensa; no universo das pessoas acima dos 40 anos, a identificação da maior causa de impopularidade é a orientação sexual. A esmagadora maioria dos inquiridos distancia-se de qualquer prática de discriminação, encontrando-se em mais de metade da amostra o reconhecimento de que já foram teste-



monhados atos de racismo. A violência verbal surge como manifestação mais comum e os adeptos os mais recorrentes infratores. No que representa a busca de soluções para o problema, o inquérito conclui que há um tratamento desajustado para casos de racismo, sugerindo-se uma punição mais exemplar. É apontada uma tendência de desvalorização da gravidade dos episódios, apoiada por uma incapacidade de denúncia às autoridades competentes. Sofia Neves, coordenadora do estudo, com Paulo Allen, debruçou-se sobre as conclusões: «Os resultados são um retrato preocupante dos vários tipos de discriminação que existem no futebol em Portugal. Os relatos são ilustrativos da complexidade e da gravidade dos casos, que exigem respostas celeres e eficazes», adiantou, mote para um debate, amanhã, promovido em direto no canal YouTube da Câmara Municipal de Matosinhos e nas redes da Associação *Plano 1*, que contará com intervenções do secretário de Estado da Juventude e Desporto, João Paulo Rebelo, e secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Rosa Monteiro, bem como com as visões de Fernando Gomes (FPF) e Pedro Proença (Liga).

### TESTEMUNHOS RECOLHIDOS NO INQUÉRITO ANÓNIMO

«Por vezes, no calor da emoção, dizemos uma ou outra palavra menos correta, não que seja um racismo racional, porventura já me saiu uma frase do género 'este preto não joga nada'. Embora não me considere de todo racista, são afirmações que deverão ser vistas como racismo»

«Enquanto jogador fui discriminado em função da cor da pele por adversários, enquanto treinador menorizado por parte dos adeptos.»

«Aqueles conversas de café que dizem 'aquele preto não corre', 'aquele preto não joga nada', manda aquele preto descaçar as chuteiras e que vá para as obras'. Também exemplos de 'olha, mais um preto na equipa'. Também testemunho atitudes e comportamentos indiretamente, enquanto assisto aos jogos e vê-se e ouve-se comentários dos adeptos no estádio (adeptos do Vitória de Guimarães ao Marega, adeptos contra o Balotelli, etc.).»

«Em 2020, a assistir a um jogo de futebol, um adepto do FC Porto referiu-se ao Manafá como 'este preto não sabe jogar, devia era ir catar macacos para a terra dele.'»

«Não me recordo exatamente do ano, mas em vários jogos enquanto jogador profissional, ouvi várias vezes a expressão 'preto do...', 'preto de m...', 'vai para a tua terra.'»

«Tive um treinador que insultava os atletas de raça negra dizendo que eram 'pretos burros'».

«Das bancadas ouvi-se muitas vezes insinuações racistas... 'o preto, vai para a tua terra', e outras do género. Também se ouve: 'o futebol não é para senhoras. O vosso lugar é na cozinha', etc. etc.»



**Gomes e Proença em direto**  
Fernando Gomes, presidente da FPF, e Pedro Proença, líder da Liga, farão intervenções em direto, amanhã, no evento online de apresentação do *Black Lives Matter no Futebol*, sendo A BOLA "media partner"

## «Só o jogador branco pode mudar as coisas»

O campeão mundial Thuram falou com A BOLA sobre as suas ricas reflexões. Frontal, discorreu a sua interpretação do caso Marega

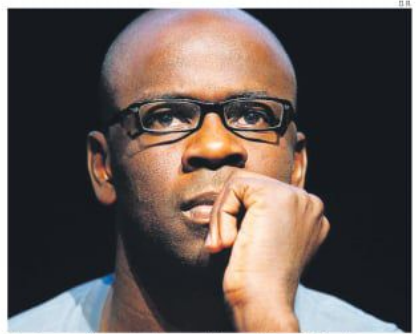
«O meu avô nasceu em 1908, 60 anos depois da abolição da escravidão em Guadalupe. Quando a minha mãe nasceu, em 1947, havia segregação nos Estados Unidos. Quando eu nasci, em 1972, havia apartheid na África do Sul. Em França, o racismo do estado acabou nos anos 60. Se não tivesse consciência desta história mais profunda, poderia achar que há mais racismo hoje. Mas eu posso dizer-te que não há. Há muito menos.»

Esta é uma frase de Lilian Thuram, retrato fiel da sua introspeção e inquietação, retirada de uma entrevista ao *The Guardian*. Lenda do futebol francês, figura determinante para o título mundial de 1998, má seleção que uniu a França em torno das mais variadas origens dos seus fantásticos jogadores, é um ex-jogador atleta, sempre pronto a colocar o dedo na ferida e a suscitador debate. Autor do livro *As Minhas Estrelas Negras*, editado em Portugal, Lilian Thuram falou com A BOLA a propósito do Dia Internacional contra a Discriminação Racial, analisando episódios recentes nos relvados mundiais. O antigo defesa francês é incisivo no que pode potenciar uma clara mudança de mentalidades.

«O racismo é uma violência para todos os que o sofrem, é um trauma. Para mim a resposta é muito mais importante. Quando jogava em Itália e me apercebia das manifestações racistas, tinha colegas que me diziam, 'fica tranquilo, não ligues, não é importante'. Isso nunca foi uma boa resposta, é substituir o problema. São os jogadores brancos que devem mudar as coisas, são eles que devem falar forte e dizer que isto não pode continuar», releva...

«O mundo de futebol tem capacidade de solucionar esta problemática, mas não pode ser hipócrita. Não será a vítima a dar as soluções, quem está à volta tem poder para isso mas tem de ter a coragem de falar», sustenta Thuram, fazendo crescer a frontalidade.

«No final dos jogos, falavam comigo quando era vítima de ofensas, 'vamos resolver isto'. Não! Tens de falar com os brancos!'. Dizia eu. O jogador que sofre não quer responder. O racismo não é um problema dos negros, é dos brancos, como o sexis-



Lilian Thuram preside a uma Fundação que trabalha para eliminar ondas de racismo

mo não é um problema das mulheres, é dos homens. São eles que querem manter uma vantagem», argumenta, com olho no passado recente em Portugal.

«Recordo-me bem do episódio Marega e de ver os companheiros a dizerem-lhe para continuar em campo. Não posso estar de acordo! Naquele momento ele está a sofrer, não podes sugerir que ele tenha de continuar a sofrer. Isso é muito perigoso e depois olhas para a situação e é criada uma ideia de que quem não agüta bem foi o Marega porque quis sair», evidencia Lilian Thuram, dando mais sinais de incredulidade.

«O problema é ainda maior sabendo que o árbitro lhe deu um amarelo. O árbitro, que tem obrigação de proteger a pessoa violentada, não a ajuda. A sociedade diz-nos muitas vezes que quem sofre de racismo é que tem culpa. Não se compreende o grau de violência a que um jogador é sujeito num momento desses. Devia ser ajudado. Mas o que se faz? Continua-se a jogar. Os brancos, mais uma vez, é que deviam fazer a diferença, pois se saírem do campo, o jogo acaba aí de qualquer forma, e jogando o passo dado em Portugal com este pioneiro estudo.

«FUTEBOL EMBRANQUECE O NEGRO»  
O desporto não pode adormecer, tem a força de pôr o mundo em alerta, como o fizeram Tommie Smith e

do campo e desejamos ascender posições onde a parte intelectual é a mais importante na construção de uma carreira. Temos mais dificuldades de entrar em zonas de poder e gestão», explicou a A BOLA, há alguns meses.

### É CLUBE E É PARA MAGOAR

Abel Xavier é, por Portugal, uma voz conscienciosa sobre a temática. O antigo internacional português, nascido em Moçambique, tem sido embaixador do Sindicato de Jogadores na Semana Contra o Racismo. E também da FIFA, em ações dirigidas para África. Inesquívoco e incisivo nas suas opiniões e opções, entendedor das saudáveis diferenças, descomplexado nas suas vontades, esgrimindo argumentos para o debate político, social e religioso, Abel Xavier não se nega a refletir sobre o mote do estudo, sobre a importância de qualificar as pessoas com melhores ferramentas de análise a um tema de melindrosa convivência.

«Podemos todos dizer que sentimos o foco de vários episódios que dizem respeito ao racismo, discriminação ou falta de direito à igualdade. É importante fazer pedagogia para gerações futuras, capacitá-las para que sejam elas a reduzir o impacto destas coisas muito negativas que imperam na sociedade», alerta.

«O talento não é orientado por raça, cultura ou geografia, está espalhado pelo mundo. O desporto forma jovens com códigos de conduta e um objetivo: cimeiro de ganhar. O futebol tem contribuído para a integração, igualdade e respeito. O que acontece muitas vezes está dentro do fanatismo extremista, da clubite do adepto. Pessoas que não gostam necessariamente de desporto. Apenas conseguem ver o caminho que magoa mais, o que afeta mais quem está do outro lado», lamenta o ex-treinador de Moçambique.

«Há questões que têm de ser feitas, a razão de certas pessoas serem consideradas menores na sociedade, não terem o direito de se afirmar por meritocracia. Temos que ir minimizando esta relação entre o bem e o mal. É um tema que devia ser prioritário na agenda internacional. Não acito nem admito que se possa olhar para uma raça de forma diferente», expressa o antigo campeão do mundo de sub-20.

«Quando olho para a minha carreira olho para um clube que deu um grande salto de integração social em Liverpool. Um clube que teve o John Barnes como capitão, que carregou a bridadeira da seleção. Tenho de congratular todos que se esforçam por minimizar o impacto das diferenças. Temos de contribuir para viver numa sociedade com maior aceitação. Podemos construir algo novo, o futebol dá-nos uma riqueza de vida e tem de ser uma via pacificadora de integração», realça.



Abel Xavier associa-se a várias iniciativas